Amadeus
International Multidisciplinary Journal
ISSN: 2525-8281

DOI: 10.14295/AIMJ.V10I20.244

Teaching Philosophy in the Digital Age: Challenges and Perspectives

Raíla Suelen Pereira Viana[1]; João Vitor de Castro Vilanova[2]; Hosanete Farias Porto dos Anjos[3]; Maria das Graças Laurentino Freire[4]; Ginete Cavalcante Nunes[5]

Abstract: Contemporary society has been profoundly transformed by the advancement of digital technologies, altering forms of communication, knowledge production, and educational processes. In this context, the teaching of philosophy faces new challenges regarding the development of critical thinking within a reality marked by information overload, artificial intelligence, and digital media. This article aims to reflect on the challenges and perspectives of teaching philosophy in the digital age, analyzing the roles of the teacher, educational technologies, and active learning methodologies in fostering critical and meaningful learning. The study is based on a literature review, drawing on authors such as Freire (2021), Lévy (2010), Kenski (2012), Moran (2018), Lipman (1995), Kohan (2008), and Han (2022). It concludes that digital technologies can enhance philosophy education when used in a critical, ethical, and pedagogical manner, contributing to the development of autonomous, reflective individuals who are aware of their role in digital society.

Keywords: Philosophy Education; Digital Education; Artificial Intelligence; Critical Thinking; Educational Technologies.

[1] Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano (IF Sertão PE), Brasil. E-mail: raila.suelen@aluno.ifsertao-pe ;

[2] Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano (IF Sertão PE), Brasil. E-mail: vitorcv.1998@gmail.com;

[3] Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Nordeste, atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialização em Saúde Públicapela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Brasil. Assistente administrativo daUniversidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestradoem Educação pela Chistian BusinessSchool - USA. hosanetep@gmail.com;

[4] Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), Brasil. Graduação em Enfermagempela Faculdade Santa Emília de Rodat (FASER), Brasil. Mestrado em Saúde Coletiva eGestão Hospitalar. Faculdade do Norte do Paraná (FACNORTE), Brasil.Servidora pública –Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. gracalaurentino@hotmail.com.

[5] Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano (IF Sertão PE), Brasil. E-mail: ginetecavalcante@gmail.com ORCID: 0000-0001-6006-9702.

O Ensino de Filosofia na Era Digital: Desafios e Perspectivas

Resumo: A sociedade contemporânea tem sido profundamente transformada pelo avanço das tecnologias digitais, modificando as formas de comunicação, produção do conhecimento e processos educativos. Nesse contexto, o ensino de Filosofia enfrenta novos desafios relacionados à formação do pensamento crítico em uma realidade marcada pelo excesso de informações, pela inteligência artificial e pelas mídias digitais. Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios e as perspectivas do ensino de Filosofia na era digital, analisando o papel do professor, das tecnologias educacionais e das metodologias ativas na construção de uma aprendizagem crítica e significativa. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, fundamentada em autores como Freire (2021), Lévy (2010), Kenski (2012), Moran (2018), Lipman (1995), Kohan (2008) e Han (2022). Conclui-se que as tecnologias digitais podem fortalecer o ensino filosófico quando utilizadas de forma crítica, ética e pedagógica, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade digital.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Educação Digital; Inteligência Artificial; Pensamento Crítico; Tecnologias Educacionais.

Introdução

A expansão das tecnologias digitais alterou profundamente as relações humanas, os processos de aprendizagem e a produção do conhecimento. A escola deixou de ser o único espaço de acesso à informação, enquanto estudantes convivem diariamente com redes sociais, plataformas digitais, inteligência artificial e múltiplas linguagens.

Nesse cenário, o ensino de Filosofia assume uma função ainda mais relevante. Mais do que transmitir conteúdos históricos sobre filósofos e correntes de pensamento, torna-se necessário formar sujeitos capazes de analisar criticamente informações, compreender problemas éticos contemporâneos e desenvolver autonomia intelectual.

Entretanto, essa realidade apresenta inúmeros desafios. O excesso de informações, a cultura da velocidade, a superficialidade das redes sociais e o uso crescente da inteligência artificial exigem novas metodologias para que a Filosofia permaneça significativa no contexto escolar.

Este artigo busca discutir os principais desafios e perspectivas do ensino de Filosofia na era digital, destacando possibilidades pedagógicas para uma educação crítica e humanizadora.

A Sociedade Digital e os Novos Desafios da Educação

A sociedade contemporânea vive uma profunda transformação impulsionada pelo avanço das tecnologias digitais, pela expansão da internet e pela intensificação dos processos de comunicação em rede. Essa realidade, frequentemente denominada sociedade digital ou sociedade da informação, modificou significativamente as formas de produzir conhecimento, estabelecer relações sociais, exercer a cidadania e desenvolver os processos educativos. A escola deixou de ser o único espaço de acesso ao conhecimento, passando a dividir essa função com plataformas digitais, redes sociais, ambientes virtuais de aprendizagem, inteligência artificial e múltiplas fontes de informação disponíveis em tempo real.

Essa nova configuração social exige uma profunda revisão das práticas pedagógicas, especialmente no ensino de Filosofia, cuja finalidade ultrapassa a transmissão de conteúdos e busca desenvolver a autonomia intelectual, a reflexão crítica, a argumentação e a formação ética dos estudantes. Em um cenário marcado pela abundância de informações, torna-se cada vez mais necessário ensinar os alunos a interpretar, selecionar, problematizar e avaliar criticamente os discursos que circulam no ambiente digital.

Segundo Pierre Lévy (2010), o desenvolvimento do ciberespaço inaugura uma nova etapa da história da humanidade, caracterizada pela constituição da inteligência coletiva. Para o autor, as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de cooperação entre indivíduos e comunidades, permitindo que o conhecimento seja produzido de maneira compartilhada, dinâmica e descentralizada. Nesse contexto, aprender deixa de ser um processo exclusivamente individual para tornar-se uma construção coletiva, mediada pelas interações em rede.

A inteligência coletiva proposta por Lévy rompe com modelos tradicionais de ensino baseados na centralidade do professor como único detentor do saber. O estudante passa a assumir um papel mais ativo na produção do conhecimento, participando de ambientes colaborativos, compartilhando informações e construindo aprendizagens em diálogo com diferentes sujeitos e culturas. Essa perspectiva aproxima-se das concepções construtivistas e socioconstrutivistas da aprendizagem, que valorizam a interação social como elemento fundamental para o desenvolvimento cognitivo.

Entretanto, os avanços tecnológicos também apresentam desafios significativos. Byung-Chul Han (2022) argumenta que a sociedade digital produziu uma cultura marcada pelo excesso de informações, pela hiperconectividade, pela aceleração do tempo e pela diminuição dos espaços de contemplação e reflexão. Em obras como *A Sociedade do Cansaço* e *Não Coisas*, o filósofo afirma que o ambiente digital favorece uma lógica de produtividade permanente,

consumo contínuo de informações e dispersão da atenção, comprometendo a capacidade de concentração e pensamento profundo.

Para Han (2022), a abundância de dados não significa, necessariamente, maior conhecimento. Ao contrário, o excesso de informações pode gerar superficialidade, dificultando a construção de análises críticas e reflexões consistentes. Na sociedade digital, os indivíduos são constantemente expostos a notificações, imagens, vídeos e conteúdos fragmentados que competem pela atenção, reduzindo o tempo destinado à leitura aprofundada, à argumentação filosófica e ao exercício da reflexão.

Essa realidade afeta diretamente os processos educativos. Muitos estudantes chegam à escola habituados ao consumo rápido de conteúdos digitais, apresentando dificuldades para desenvolver atividades que exigem leitura prolongada, elaboração conceitual e argumentação lógica. O ensino tradicional, baseado exclusivamente em aulas expositivas e memorização de informações, mostra-se insuficiente diante das novas formas de aprender e de interagir com o conhecimento.

Além disso, a expansão das redes sociais e das plataformas digitais intensificou fenômenos como a disseminação de notícias falsas (*fake news*), a manipulação algorítmica da informação, a polarização política, os discursos de ódio e a desinformação. Nesse contexto, a educação assume um papel estratégico na formação de cidadãos capazes de analisar criticamente as informações que recebem, identificar fontes confiáveis e compreender os impactos éticos e sociais das tecnologias digitais.

Nesse cenário, o ensino de Filosofia torna-se particularmente relevante. Conforme destaca Matthew Lipman (2008), a Filosofia desenvolve habilidades relacionadas ao pensamento crítico, à investigação, à argumentação e ao diálogo, competências indispensáveis para a participação consciente na sociedade democrática. Ensinar Filosofia na era digital significa formar sujeitos capazes de questionar discursos, avaliar evidências, reconhecer falácias argumentativas e construir posicionamentos fundamentados.

Paulo Freire (2021) também contribui para essa reflexão ao afirmar que educar não consiste apenas em transmitir conhecimentos, mas em desenvolver a consciência crítica dos sujeitos diante da realidade. Para o autor, a educação deve possibilitar que os estudantes realizem uma leitura crítica do mundo, compreendendo as relações de poder, as desigualdades sociais e os mecanismos de dominação presentes na sociedade. Essa perspectiva permanece extremamente atual diante dos desafios impostos pela cultura digital.

Outro aspecto relevante refere-se às mudanças no papel do professor. Na sociedade digital, o docente deixa de ser apenas transmissor de informações para atuar como mediador,

orientador e facilitador da aprendizagem. Sua função consiste em organizar experiências educativas que favoreçam o desenvolvimento da autonomia intelectual, da investigação filosófica e da construção colaborativa do conhecimento.

Essa mudança exige também novas competências docentes. Além do domínio dos conteúdos filosóficos, torna-se necessário compreender o funcionamento das tecnologias digitais, utilizar metodologias ativas de aprendizagem, promover debates mediados por recursos tecnológicos e desenvolver práticas pedagógicas que integrem criticamente as ferramentas digitais ao currículo escolar.

As metodologias ativas, como aprendizagem baseada em problemas, sala de aula invertida, estudos de caso, projetos colaborativos e debates mediados por plataformas digitais, apresentam grande potencial para o ensino de Filosofia na contemporaneidade. Essas estratégias colocam o estudante no centro do processo educativo, incentivando a investigação, a resolução de problemas e a produção autônoma do conhecimento.

Outro desafio importante refere-se à formação ética para o uso das tecnologias. A sociedade digital exige que a educação promova discussões sobre privacidade, segurança de dados, inteligência artificial, direitos digitais, cidadania digital, responsabilidade nas redes sociais e ética da informação. Essas temáticas dialogam diretamente com questões filosóficas relacionadas à liberdade, à justiça, à dignidade humana e à responsabilidade moral.

Autores como Manuel Castells (2022) destacam que a sociedade em rede reorganizou profundamente as relações econômicas, políticas e culturais. A conectividade ampliou oportunidades de participação democrática e acesso ao conhecimento, mas também aprofundou desigualdades relacionadas ao acesso às tecnologias, à inclusão digital e à alfabetização informacional. Assim, o papel da escola não consiste apenas em ensinar o uso técnico das ferramentas digitais, mas em promover uma formação crítica que possibilite aos estudantes compreenderem as implicações sociais, culturais e políticas das tecnologias.

No ensino de Filosofia, essa formação crítica pode ser desenvolvida por meio da análise de problemas contemporâneos, como os impactos da inteligência artificial na vida humana, os limites éticos da vigilância digital, os desafios da democracia em ambientes virtuais, a influência dos algoritmos na formação das opiniões e as consequências da cultura da hiperconectividade sobre a subjetividade humana.

Dessa forma, a sociedade digital impõe novos desafios à educação, mas também oferece inúmeras possibilidades de inovação pedagógica. O ensino de Filosofia, ao estimular a reflexão, a argumentação, o pensamento crítico e a ética, apresenta condições privilegiadas para contribuir com a formação de sujeitos autônomos, capazes de compreender criticamente as transformações

tecnológicas e atuar de forma responsável, democrática e consciente na sociedade contemporânea. Assim, mais do que adaptar-se às tecnologias, a educação precisa formar indivíduos que saibam utilizá-las de maneira ética, reflexiva e comprometida com a construção do conhecimento e com a promoção da cidadania.

O Papel da Filosofia na Formação do Pensamento Crítico

A Filosofia ocupa um lugar fundamental na formação humana por desenvolver a capacidade de pensar criticamente, argumentar de forma consistente e refletir sobre os problemas que permeiam a existência individual e coletiva. Desde a Antiguidade, o pensamento filosófico busca compreender a realidade por meio da razão, do diálogo e da investigação, incentivando os indivíduos a questionarem crenças, valores, conhecimentos e práticas sociais. Em uma sociedade marcada pela rápida circulação de informações e pela influência crescente das tecnologias digitais, a Filosofia torna-se ainda mais necessária como instrumento de formação intelectual, ética e cidadã.

Na contemporaneidade, o ensino de Filosofia não se limita à apresentação da história do pensamento filosófico ou das ideias dos grandes filósofos. Seu objetivo principal consiste em desenvolver competências cognitivas que permitam aos estudantes interpretar criticamente a realidade, formular problemas, analisar argumentos, tomar decisões fundamentadas e atuar de forma responsável diante dos desafios sociais, científicos e tecnológicos do século XXI.

A Filosofia como Exercício Permanente do Questionamento

Desde suas origens na Grécia Antiga, a Filosofia caracteriza-se pela atitude de questionar aquilo que parece evidente. Enquanto outras formas de conhecimento frequentemente aceitam explicações tradicionais ou baseadas na autoridade, a Filosofia propõe uma investigação racional que busca compreender as causas, os fundamentos e os significados dos fenômenos.

Sócrates representa um dos maiores exemplos dessa postura investigativa. Ao percorrer as praças de Atenas dialogando com diferentes cidadãos, utilizava a ironia e a maiêutica para estimular a reflexão crítica. Em vez de oferecer respostas prontas, conduzia seus interlocutores à descoberta das contradições presentes em seus próprios discursos.

Segundo Platão (2019), por meio da figura de Sócrates, o verdadeiro conhecimento nasce do reconhecimento da própria ignorância. A célebre afirmação "Só sei que nada sei" simboliza a disposição permanente para aprender, investigar e revisar certezas. O diálogo socrático

demonstra que a educação filosófica não consiste em transmitir informações, mas em despertar nos estudantes o desejo de pensar por si mesmos.

Essa perspectiva permanece extremamente atual. Em um contexto no qual milhares de informações circulam diariamente pelas redes digitais, aprender a formular perguntas tornou-se tão importante quanto encontrar respostas. O ensino da Filosofia desenvolve exatamente essa capacidade investigativa, incentivando os estudantes a problematizar discursos, identificar pressupostos e construir interpretações fundamentadas.

O Pensamento Crítico como Finalidade da Educação Filosófica

Ao longo da história da Filosofia, diversos pensadores defenderam que educar significa formar sujeitos autônomos e capazes de exercer livremente sua racionalidade. Entre eles, Immanuel Kant ocupa posição de destaque.

Na obra *Sobre a Pedagogia*, Kant (2009) afirma que o objetivo da educação não é formar indivíduos obedientes ou meros repetidores de conhecimentos, mas pessoas capazes de pensar de forma independente. Para o filósofo, ensinar Filosofia significa ensinar a filosofar.

Essa concepção rompe com modelos educacionais baseados apenas na memorização de conteúdos e na reprodução mecânica de informações. O pensamento crítico exige que o estudante desenvolva habilidades como interpretar textos, analisar argumentos, identificar incoerências, comparar diferentes perspectivas e fundamentar racionalmente suas opiniões.

Kant também relaciona o exercício da razão ao conceito de esclarecimento (*Aufklärung*). Em seu famoso texto *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?*, afirma que a maioridade intelectual ocorre quando o indivíduo abandona a dependência do pensamento alheio e assume a responsabilidade de utilizar sua própria razão. Nesse sentido, a Filosofia torna-se um instrumento de emancipação intelectual, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participativos.

Filosofia para Crianças e Comunidades de Investigação

Nas últimas décadas, Matthew Lipman ampliou significativamente o debate sobre o ensino de Filosofia ao desenvolver o programa Filosofia para Crianças (Philosophy for Children – P4C). Sua proposta rompe com a ideia de que a Filosofia deve ser ensinada apenas no ensino superior ou restrita à história das ideias filosóficas.

Segundo Lipman (1995; 2008), todas as pessoas podem aprender a filosofar desde a infância, desde que participem de ambientes educativos baseados no diálogo, na investigação e na construção coletiva do conhecimento.

O autor propõe a criação das chamadas comunidades de investigação, nas quais professores e estudantes discutem problemas filosóficos por meio da argumentação, do respeito às diferentes opiniões e da reflexão compartilhada.

De acordo com Lipman, o ensino filosófico desenvolve competências essenciais para a formação cidadã, entre elas:

- pensamento crítico;
- pensamento criativo;
- pensamento cuidadoso (ético);
- argumentação lógica;
- investigação filosófica;
- autonomia intelectual;
- resolução de problemas;
- tomada de decisões fundamentadas;
- capacidade de escuta e diálogo.

Essas competências ultrapassam os limites da disciplina de Filosofia e contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar problemas complexos da vida pessoal, profissional e social.

Filosofia, Autonomia e Cidadania na Era Digital

A sociedade digital modificou profundamente a maneira como os indivíduos acessam informações, constroem conhecimentos e participam da vida pública. Plataformas digitais, redes sociais, mecanismos de busca e sistemas de inteligência artificial oferecem acesso quase ilimitado a conteúdos diversos. Entretanto, essa abundância informacional não garante compreensão, reflexão ou conhecimento crítico.

Pelo contrário, conforme destaca Byung-Chul Han (2022), a hiperconectividade favorece o consumo acelerado de informações, dificultando processos de análise profunda e reflexão filosófica. A velocidade das comunicações muitas vezes substitui a qualidade da compreensão.

Nesse contexto, a Filosofia torna-se essencial para formar cidadãos capazes de distinguir informação de conhecimento, opinião de argumento e evidência de desinformação.

O pensamento filosófico contribui para que os estudantes desenvolvam competências como:

- verificar a confiabilidade das fontes;
- identificar falácias argumentativas;
- reconhecer preconceitos e manipulações discursivas;
- compreender os efeitos dos algoritmos sobre a circulação das informações;
- analisar criticamente conteúdos produzidos por inteligência artificial;
- refletir sobre os impactos éticos das tecnologias digitais.

Assim, a Filosofia fortalece a autonomia intelectual, permitindo que os indivíduos construam suas próprias interpretações da realidade sem se tornarem reféns da manipulação informacional.

Filosofia, Ética e Responsabilidade no Mundo Digital

Outro importante papel da Filosofia na contemporaneidade refere-se à reflexão ética sobre o uso das tecnologias digitais. O avanço da inteligência artificial, da coleta de dados, da vigilância digital e das redes sociais trouxe novos dilemas relacionados à liberdade, à privacidade, à justiça e aos direitos humanos.

Questões como proteção de dados, uso ético da inteligência artificial, discursos de ódio, cyberbullying, manipulação algorítmica, desinformação e exclusão digital exigem análises que ultrapassam aspectos técnicos e envolvem princípios filosóficos fundamentais.

Autores como Hans Jonas (2006), em sua teoria da responsabilidade, defendem que o desenvolvimento tecnológico deve ser acompanhado por uma ética comprometida com a preservação da dignidade humana e das futuras gerações. Para Jonas, o progresso científico precisa caminhar lado a lado com a responsabilidade moral.

Da mesma forma, Martha Nussbaum (2015) argumenta que as humanidades, especialmente a Filosofia, desempenham papel essencial na formação de cidadãos capazes de agir com empatia, responsabilidade e compromisso democrático.

Nesse sentido, o ensino de Filosofia possibilita que os estudantes reflitam sobre perguntas fundamentais:

- Como utilizar a inteligência artificial de forma ética?
- Quais são os limites da liberdade de expressão nas redes sociais?
- Quem é responsável pelas decisões tomadas por algoritmos?

- Como proteger a privacidade na sociedade digital?
- De que maneira as tecnologias podem promover inclusão e justiça social?

Essas discussões demonstram que os problemas tecnológicos são, ao mesmo tempo, problemas filosóficos.

Filosofia e Educação Crítica na Cultura Digital

Paulo Freire (2021) afirma que a educação deve formar sujeitos capazes de realizar uma leitura crítica do mundo. Para o educador, ensinar não significa transferir conhecimentos, mas criar condições para que os estudantes construam sua compreensão da realidade por meio do diálogo, da problematização e da participação ativa.

Essa perspectiva aproxima-se da finalidade do ensino filosófico. Ao incentivar a investigação, o debate e a reflexão, a Filosofia contribui para que os estudantes desenvolvam uma postura crítica diante dos discursos que circulam na sociedade digital.

Mais do que aprender conceitos filosóficos, os estudantes aprendem a pensar filosoficamente, analisando problemas concretos relacionados à democracia, aos direitos humanos, às tecnologias digitais, às desigualdades sociais, à sustentabilidade e às transformações culturais.

Dessa forma, o ensino da Filosofia torna-se um espaço privilegiado para o fortalecimento da cidadania, da autonomia intelectual e da responsabilidade ética.

Considerações Finais

A sociedade digital impõe novos desafios à educação, tornando o ensino de Filosofia essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia intelectual e da consciência ética. Em um contexto marcado pela abundância de informações, pela inteligência artificial e pela desinformação, a Filosofia capacita os estudantes a questionar, analisar argumentos, avaliar fontes e tomar decisões fundamentadas.

Além de favorecer a reflexão sobre os impactos das tecnologias na sociedade, o ensino filosófico fortalece valores como cidadania, democracia, direitos humanos e responsabilidade social. O professor assume o papel de mediador da aprendizagem, promovendo o diálogo, a investigação e a construção do conhecimento de forma crítica e participativa.

Conclui-se que a Filosofia permanece indispensável na formação integral dos estudantes, pois contribui para a construção de sujeitos autônomos, éticos e comprometidos com a justiça social, capazes de utilizar as tecnologias de forma consciente e de atuar na transformação da realidade em uma sociedade cada vez mais digital.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Não coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Petrópolis: Vozes, 2022.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 6. ed. Piracicaba: UNIMEP, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KOHAN, Walter Omar. **Infância e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 2008.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Porto Alegre: Penso, 2018.

●

Recebido: 18/07/2026; Aceito: 24/07/2026; Publicado: 20/08/2026.